

boletim **Trabalho e** **CONSTRUÇÃO**

Agosto 2016 – Nº 8

DIEESE

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE
ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

O TRABALHADOR E A INSERÇÃO OCUPACIONAL NA CONSTRUÇÃO E SUAS DIVISÕES

A dinâmica de crescimento econômico vivenciada no período recente, essencialmente entre 2004 e 2014, mudou a realidade do mundo do trabalho no Brasil.

O processo de estruturação ocupacional que aconteceu no mercado de trabalho urbano proporcionou o crescimento das formas mais protegidas de trabalho (contratação com carteira de trabalho assinada) e diminuição de inserções vulneráveis (emprego ilegal ou sem registro em carteira e trabalho autônomo). No período, os dados do Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego (SPED) mostraram que o aumento no nível ocupacional ocorreu, sobretudo, no assalariamento e, em especial, entre os assalariados do setor privado com carteira de trabalho assinada.

Essa situação, porém, mudou significativamente a partir de 2015. A economia brasileira, que, desde 2012, vinha apresentando sinais de esgotamento, passou a apresentar variações negativas do Produto Interno Bruto e elevação das taxas de desemprego no último ano. O exame do mercado de trabalho nacional, desde então, também revela que a deterioração do espaço de emprego e renda esteve inicialmente assentada na eliminação de postos de trabalho nos segmentos caracterizados pela geração de novos valores - a indústria e a Construção.

*A 8ª edição do **Boletim Trabalho e Construção** apresenta informações sobre a absorção de força de trabalho, remunerações e formas de inserção ocupacional na Construção. A partir de dados da PED detalhados para as três divisões que compõem o segmento – Construção e Incorporação de Edifícios, Obras de Infraestrutura e Serviços Especializados para a Construção - procura, especificamente, identificar mudanças e permanências, entre 2011 e 2015, em busca de parâmetros que auxiliem o acompanhamento do setor no novo contexto do mercado de trabalho nacional.*

Acesse também o conjunto de indicadores sobre a ocupação na Construção em:

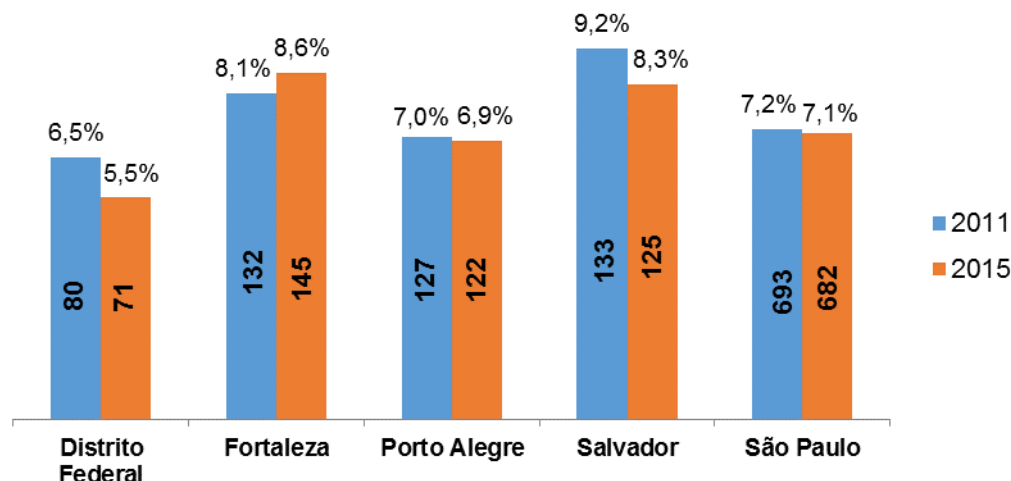
www.dieese/analisePED.html

Segmento de Construção e Incorporação de Edifícios ocupa maioria dos trabalhadores na Construção

GRÁFICO 1

**Estimativas e proporção de ocupados⁽¹⁾ na Construção⁽²⁾, no trabalho principal
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2011 e 2015**

(em % e em mil pessoas)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) População ocupada com 14 anos ou mais

(2) Seção F da CNAE 2.0 Domiciliar

Em 2015, o setor da Construção ocupou 1.145 mil trabalhadores nas cinco regiões pesquisadas, diminuição de 1,7% em relação a 2011 (1.165 mil). Em números absolutos, o maior contingente estava em São Paulo (682 mil), enquanto o menor foi observado no Distrito Federal (71 mil) (Gráfico 1).

A proporção de ocupados absorvidos no setor cresceu em Fortaleza, ficou relativamente estável em Porto Alegre e São Paulo e caiu em Salvador e no DF, entre 2011 e 2015. No último ano, em Fortaleza, a Construção ocupava 8,6% dos trabalhadores, a maior participação relativa nas regiões pesquisadas. Em Salvador, 8,3% dos ocupados estavam na Construção; em São Paulo, 7,1%; Porto Alegre, 6,9%; e, no DF, 5,5%

Dos ocupados no setor, em 2015, a divisão Construção e Incorporação de Edifícios era a que abrigava a maior parte dos trabalhadores em todas as regiões (Tabela 1). A menor proporção foi em São Paulo, com 64,1% dos ocupados do setor nessa divisão, enquanto a maior foi em Salvador, com 83,3%.

A divisão Serviços Especializados para Construção apresentava participação relevante, ainda que em menor proporção, principalmente em São Paulo (32,5% dos ocupados do setor), no Distrito Federal (28,1%) e em Porto Alegre (26,9%). Já a divisão Obras de Infraestrutura ocupava poucos trabalhadores, inclusive insuficiente para se desagregar a amostra na maioria das regiões pesquisadas.

TABELA 1**Distribuição dos ocupados na Construção, no trabalho principal, segundo divisões
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2015**

(em %)

Regiões	Total de ocupados no setor da Construção	Divisões da Construção		
		Construção e Incorporação de Edifícios (1)	Obras de Infraestrutura (2)	Serviços Especializados para Construção (3)
Distrito Federal	100,0	71,3	(4)	28,1
Fortaleza	100,0	77,4	(4)	18,8
Porto Alegre	100,0	70,7	(4)	26,9
Salvador	100,0	83,3	(4)	10,5
São Paulo	100,0	64,1	3,4	32,5

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Divisão 41 da CNAE 2.0 domiciliar

(2) Divisão 42 da CNAE 2.0 domiciliar

(3) Divisão 43 da CNAE 2.0 domiciliar

(4) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Na Construção havia menos trabalhadores em empregos protegidos que nos demais setores

Analizando a ocupação dos trabalhadores na Construção, segundo formas de inserção, apesar da melhora na estrutura ocupacional nos últimos anos, nota-se a permanência de índices relativamente elevados de precarização no trabalho em todas as regiões.

Entre as pesquisadas, a Região Metropolitana de Salvador tinha a maior proporção de trabalhadores em empregos protegidos (50,5%), ou seja, eram assalariados do setor privado ou público, com carteira de trabalho assinada, ou estatutários do setor público (Gráfico 2). Na RM São Paulo, apesar do ligeiro aumento entre 2011 e 2015, a proporção dos ocupados em empregos protegidos ainda se mantém em patamar relativamente baixo (41,3%). Na média dos demais setores de atividade, essa forma de inserção representava 60,3%.

Em Fortaleza e Porto Alegre também houve aumento da proporção de ocupados em postos protegidos, mas ainda em níveis relativamente baixos (42,7% e 41,7%, respectivamente), muito inferiores à média dos demais setores: 48,4% e 63,0%. Já no Distrito Federal e em Salvador, houve comportamento inverso às demais regiões: diminuição da proporção do emprego protegido na passagem de 2011 para 2015.

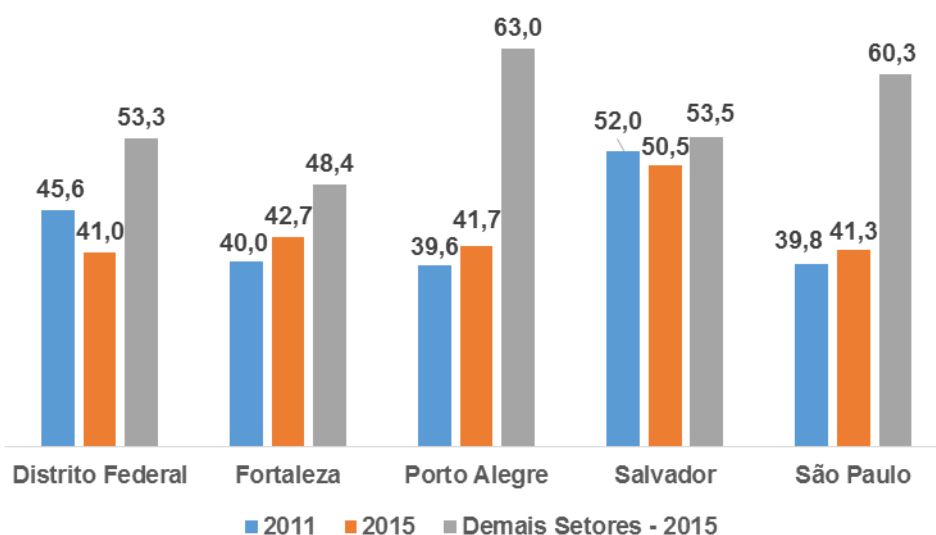
Convém destacar ainda que havia diferenças quanto a essas proporções em relação às divisões da Construção (Tabela 2). Na divisão 41 (Construção e Incorporação de Edifícios), que comporta a maior parte dos trabalhadores no setor, a proporção de ocupados em postos protegidos foi menor que a média do setor como um todo, com exceção de Fortaleza e do Distrito Federal.

GRÁFICO 2

Proporção dos ocupados na Construção e nos demais setores⁽¹⁾ inseridos por meio de emprego protegido⁽²⁾

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2011 e 2015

(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui as seguintes seções da CNAE 2.0 Domiciliar: agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (Seção A); indústrias extrativas (Seção B); indústria de transformação (Seção C); eletricidade e gás (Seção D); água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (Seção E); comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas (Seção G); serviços (Seções H a T); organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais (Seção U); e atividades mal definidas (Seção V); (2) Assalariados com carteira de trabalho assinada e servidores estatutários

TABELA 2

Proporção dos ocupados na Construção inseridos em emprego protegido, segundo divisões
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal - 2015

Regiões	Emprego protegido	
	Total de ocupados na divisão Construção e Incorporação de Edifícios	Total de ocupados na divisão Serviços Especializados para Construção
Distrito Federal	45,4	29,1
Fortaleza	46,1	(1)
Porto Alegre	39,7	43,7
Salvador	49,5	(1)
São Paulo	40,6	38,4

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Em sentido oposto, nota-se que houve queda dos ocupados inseridos ilegalmente, ou seja, assalariado sem carteira de trabalho assinada, na comparação entre 2011 e 2015. Tanto em Porto Alegre quanto em São Paulo, houve queda de 3,1 pontos percentuais na proporção de ocupados nessa forma de inserção, passando de 10,8% para 7,7% e de 11,0% para 7,9%, respectivamente (Gráfico 3).

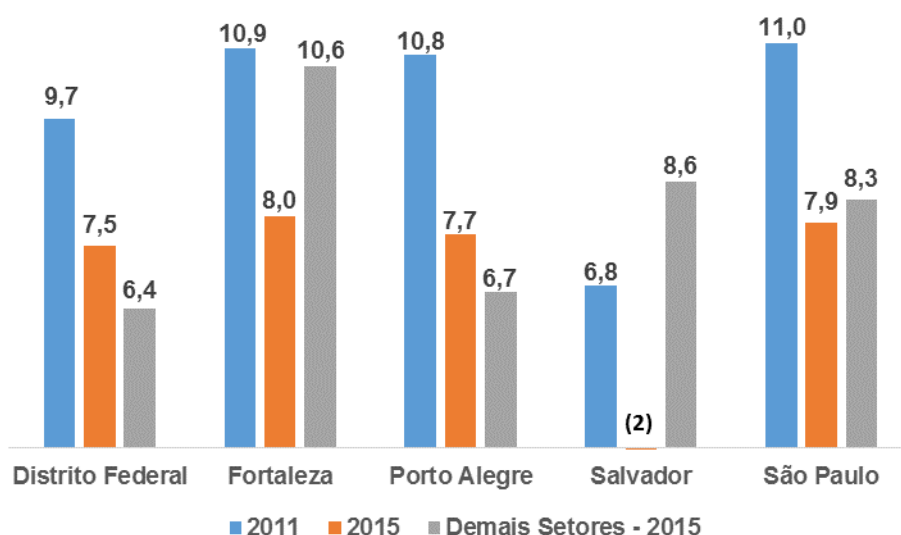
Em Fortaleza, essa proporção caiu de 10,9% para 8,0%, enquanto no Distrito Federal passou de 9,7% para 7,5%. Por fim, em Salvador houve decréscimo e os dados não permitiram a desagregação.

Interessante notar que, em Fortaleza e São Paulo, a queda na proporção de ocupados na Construção inseridos de forma ilegal ficou, inclusive, abaixo da média dos demais setores em 2015.

GRÁFICO 3

Proporção dos ocupados na Construção e nos demais setores inseridos através de emprego ilegal⁽¹⁾
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2011 e 2015

(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Assalariados sem carteira de trabalho assinada

(2) A amostra não comporta desagregação para esta categoria

Alta representatividade da inserção ocupacional por conta própria e baixa contribuição para a previdência social na Construção

A parcela de trabalhadores independentes que explora o negócio sozinho ou com a ajuda de familiares, os chamados trabalhadores por conta própria, manteve-se alta no período recente. O trabalhador por conta própria pode ser autônomo para mais de uma empresa, autônomo para o público ou dono de negócio familiar. Devido à natureza dessas formas de inserção e ao modelo da rede de proteção social do país, historicamente associado à relação salarial, os mecanismos de proteção são restritos. Os trabalhadores por conta própria representam um foco relevante da desproteção social no Brasil.

A proporção de ocupados inseridos por conta própria no setor teve ligeira variação negativa em Porto Alegre, enquanto em Fortaleza, registrou pequeno crescimento (Gráfico 4). Já nas demais regiões pesquisadas, houve aumento mais acentuado dessa proporção.

É relevante destacar a elevada participação desse tipo de inserção na Construção em todas as regiões, quando o

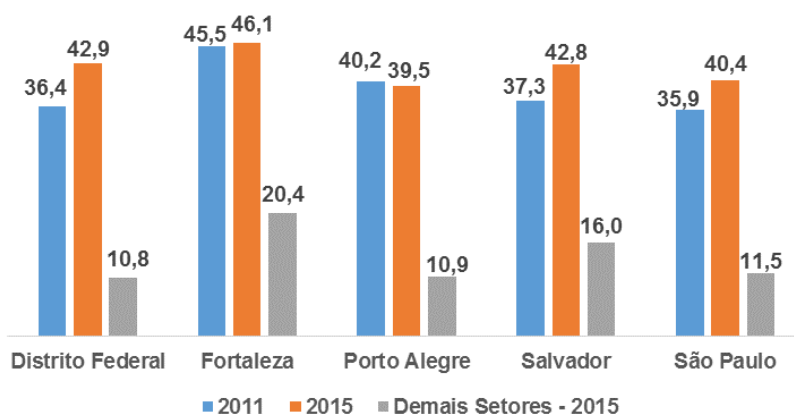
segmento é comparado com os demais setores de atividade econômica. Em 2015, em Fortaleza, 20,4% dos ocupados nos demais setores eram trabalhadores por conta própria, ou seja, menos da metade do que no setor da Construção. Nas outras regiões, a diferença era ainda maior. Em Porto Alegre, apenas 10,9% dos ocupados nos outros setores eram trabalhadores por conta própria, contra 39,5% na Construção. Em Salvador, eram 16,0% contra 42,8% na Construção e, em São Paulo, 11,5% contra 40,4%. Por fim, no Distrito Federal, a proporção de conta própria nos demais setores era de 10,8%, enquanto na Construção chegava a 42,9% em 2015.

Nota-se, na Tabela 4, alta participação dos trabalhadores por conta própria na divisão de Serviços Especializados para Construção. Em Fortaleza, do total de ocupados nessa divisão, 58,4% eram conta própria, maior participação observada. Só em Porto Alegre a proporção de conta própria era maior na divisão Construção e Incorporação de Edifícios do que na de Serviços Especializados.

GRÁFICO 4

Proporção dos ocupados na Construção e nos demais setores inseridos por conta própria
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2011 e 2015

(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

TABELA 4**Proporção dos ocupados na Construção e nos demais setores inseridos por conta própria**
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal –2015

(em %)

Regiões	Proporção de conta própria entre os ocupados na divisão Construção e Incorporação de Edifícios	Proporção de conta própria entre os ocupados na divisão Serviços Especializados para Construção
Distrito Federal	39,0	53,9
Fortaleza	44,1	58,4
Porto Alegre	40,8	39,0
Salvador	43,8	(1)
São Paulo	40,5	43,8

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Em paralelo a essa observação quanto à inserção ocupacional, destacam-se as informações para os ocupados no setor que não contribuem com a Previdência Social, o que dá uma noção do problema a ser enfrentado: a vulnerabilidade de um contingente de trabalhadores que estão expostos aos riscos de acidentes de trabalho, doenças, desemprego ou de aposentadoria (invalidez ou tempo de contribuição) e que não dispõem de um sistema de proteção social que os ampare nesses momentos.

Uma parcela expressiva dos trabalhadores na Construção ainda se encontra à margem da proteção social assegurada aos contribuintes da Previdência. Em Fortaleza, 53,3% dos ocupados na Construção não contribuíam para a Previdência em 2015, maior percentual observado nas regiões. Em seguida, vem São Paulo, 45,9% não contribuíam, depois, Distrito Federal, com 44,8%, Salvador, com 40,9%, e Porto Alegre, com 36,3% (Gráfico 5).

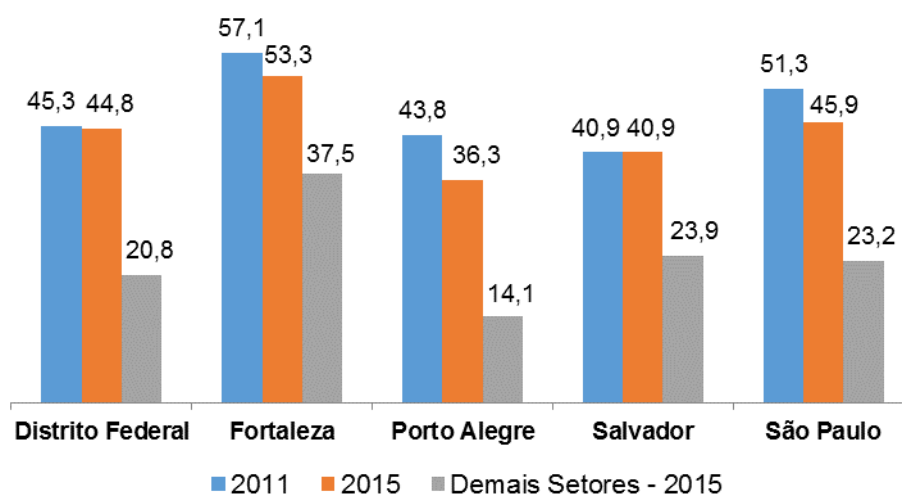
Com exceção de Salvador e do Distrito Federal, houve redução significativa no número de trabalhadores do setor que contribuíam com a Previdência, entre 2011 e 2015. Comparada aos demais setores, a proporção de contribuintes na Construção é muito menor. Em Porto Alegre, apenas 14,1% dos ocupados nos demais setores não contribuíam para a Previdência em 2015, enquanto no DF, a proporção era de 20,8%. Em São Paulo e Salvador, 23,2% e 23,9%, respectivamente, não contribuíam. Em Fortaleza, a proporção de ocupados que não contribuíam com a Previdência nos demais setores era maior em relação às outras regiões, mas ainda assim, bem inferior (37,5%) ao observado na Construção (53,3%).

Na divisão 41, onde havia a maior parcela dos ocupados do setor, a menor proporção de trabalhadores não contribuintes foi observada em Porto Alegre, mas, ainda assim, 39,9% dos ocupados dessa divisão não contribuíam para a Previdência em 2015 (Tabela 5).

GRÁFICO 5

Proporção de ocupados na Construção e nos demais setores que não contribuíam para Previdência - Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2011 e 2015

(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

TABELA 5

Proporção de ocupados na Construção que não contribuíam para Previdência, segundo divisões Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2015

(em %)

Regiões	Proporção de ocupados que não contribuíam para Previdência na divisão Construção e Incorporação de Edifícios	Proporção de ocupados que não contribuíam para Previdência na divisão Serviços Especializados para Construção
Distrito Federal	43,7	48,6
Fortaleza	51,6	62,7
Porto Alegre	39,9	28,7
Salvador	42,7	(1)
São Paulo	47,9	45,7

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Rendimento no setor cresceu em todas as regiões nos últimos 5 anos

Quanto ao rendimento médio real por hora do setor, nota-se evolução em todas as regiões, nos últimos cinco anos. A maior variação ocorreu em São Paulo, com aumento real de 11,8%, seguido por Fortaleza (10,6%), e, em menor medida, pelo Distrito Federal (7,7%), por Porto Alegre (5,8%) e Salvador (4,7%).

Com isso, em 2015, o maior rendimento médio real por hora observado foi de R\$ 12,71 no Distrito Federal (em valores de novembro de 2015), valor ligeiramente superior ao verificado em São Paulo (R\$ 11,03) e Porto Alegre (R\$ 10,92) - Gráfico 6. O menor valor foi o de Fortaleza (R\$ 7,07), pouco inferior ao de

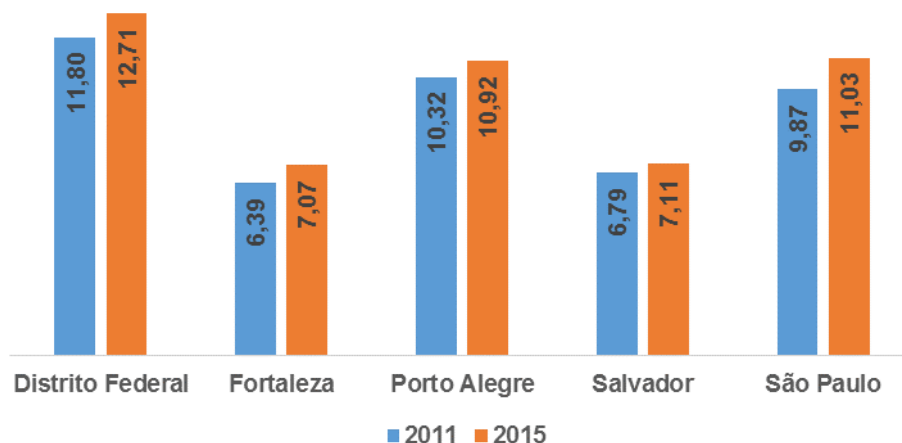
Salvador (R\$ 7,11). Assim, em Fortaleza o rendimento médio real por hora representou 55,6% do valor registrado no Distrito Federal

A análise dos rendimentos por divisão permite notar que a Construção e Incorporação de Edifícios tinha rendimentos menores do que a média do setor em quase todas as regiões, exceto no Distrito Federal (Tabela 6).

Já nos Serviços Especializados para Construção (divisão 43), o rendimento foi menor do que a média no DF, em Porto Alegre e São Paulo e maior em Fortaleza. Quanto à divisão Obras de Infraestrutura, não é possível desagregar a amostra, mas, sim, inferir que os rendimentos sejam superiores à média na maior parte das regiões, dado que, nas demais divisões, os rendimentos ficaram abaixo da média, em geral.

GRÁFICO 6

Rendimento Médio Real por hora dos ocupados na Construção
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2011 e 2015



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Obs. Em Reais de novembro de 2015. Deflatores: INPC-RMF/IBGE; IPC-IEPE/RS; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP

TABELA 6**Rendimento Médio Real por hora dos ocupados na Construção, segundo divisões
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2015***(em reais de novembro de 2015)*

Regiões	Total de ocupados no setor da Construção	Divisões da Construção		
		Construção e Incorporação de Edifícios	Obras de Infraestrutura	Serviços Especializados para Construção
Distrito Federal	12,71	13,22	(1)	11,37
Fortaleza	7,07	6,76	(1)	7,36
Porto Alegre	10,92	10,89	(1)	10,30
Salvador	7,11	6,73	(1)	(7)
São Paulo	11,03	11,00	(1)	11,00

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

Obs. Em Reais de novembro de 2015. Deflatores: INPC-RMF/IBGE; IPC-IEPE/RS; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP

Setor marcado pela elevada presença masculina e chefes de família e menor escolaridade

O exame do perfil do trabalhador médio ocupado na Construção mostra que persiste ainda a forte presença masculina no setor, sem alterações significativas nos últimos cinco anos. Em 2015, os homens representavam 96,6% dos

ocupados no segmento em Fortaleza (diante de 97,0%, em 2011). A menor participação foi observada no Distrito Federal, com 94,0%, percentual que denota ainda a predominância da participação masculina. (Tabela 7).

TABELA 7**Proporção de homens ocupados na Construção
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2015***(em %)*

Regiões	Proporção de homens
Distrito Federal	94,0
Fortaleza	96,6
Porto Alegre	94,7
Salvador	94,9
São Paulo	94,3

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Além dessa característica, a Construção é também marcada pela inserção de trabalhadores que assumem a posição de chefe na família: mais de 2/3 dos ocupados no setor. Em 2015, no Distrito Federal, 74,4%

dos ocupados no setor eram chefes de família; na Região Metropolitana de Salvador, chegavam a 74,0% e; nas demais regiões, praticamente a 73,0% (Gráfico 7). Em todas as regiões pesquisadas houve aumento desse

segmento populacional, quando se compara 2015 com 2011.

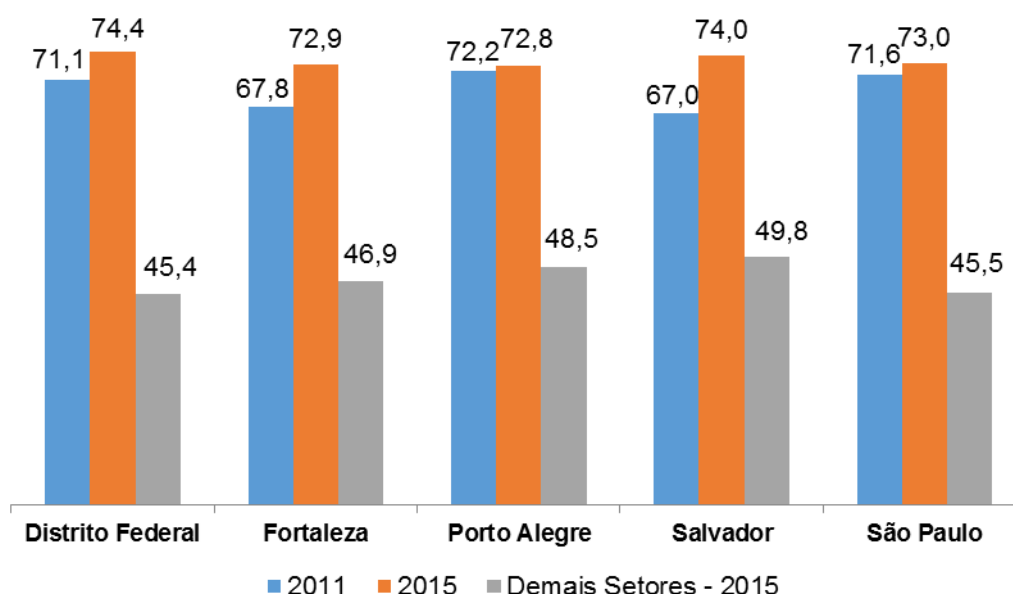
Essa participação é muito maior do que a verificada nos outros setores econômicos. Vale citar como exemplo a RM

Salvador, cidade que apresentou a maior proporção de chefes de família entre os ocupados nos demais setores (49,8%) e onde, em 2015, o percentual observado na Construção ficou em 74,0%.

GRÁFICO 7

Proporção de chefes de família entre os ocupados na Construção e nos demais setores
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2011 e 2015

(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

O setor da Construção acompanhou o movimento de aumento da escolaridade da população observado no país nos últimos anos.

Houve queda da participação de trabalhadores analfabetos e daqueles com ensino fundamental incompleto, entre 2011 e 2015, em todas as regiões pesquisadas (Tabela 8 e Gráfico 8).

Em sentido oposto, como parte do fenômeno do aumento da escolaridade, cresceu a participação dos ocupados com ensino

fundamental completo e médio incompleto, ensino médio completo e superior incompleto, e superior completo. Só no DF houve queda da participação dos ocupados no setor com ensino superior completo (de 8,3%, em 2011, para 7,4%, em 2015).

Ainda assim, em todas as regiões pesquisadas, a maior parcela dos ocupados na Construção era de trabalhadores que não completaram o ensino fundamental.

TABELA 8
Distribuição dos ocupados na Construção, segundo escolaridade
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2011 e 2015

(em %)

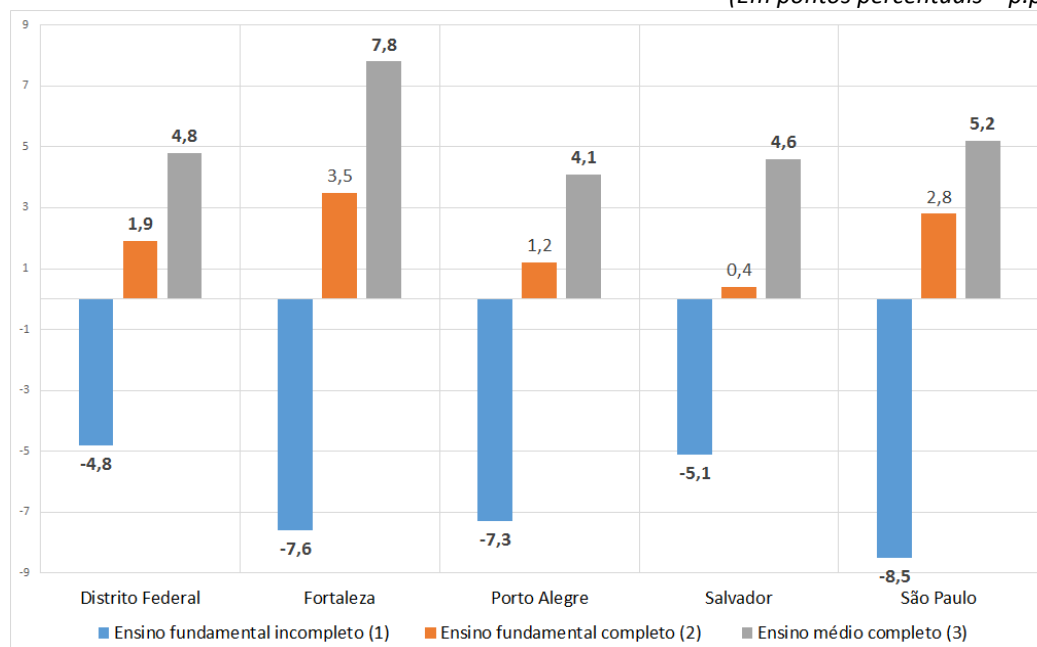
Regiões e Distrito Federal	Total de ocupados no setor da Construção	Escolaridade				
		Analfa-beto	Ensino fundamental incompleto (1)	Ensino fundamental completo (2)	Ensino médio completo (3)	Ensino superior completo
2011						
Distrito Federal	100,0	(4)	42,7	18,6	25,1	8,3
Fortaleza	100,0	12,0	50,2	18,9	16,8	(4)
Porto Alegre	100,0	(4)	52,2	23,5	18,4	4,5
Salvador	100,0	(4)	44,3	21,3	27,1	(4)
São Paulo	100,0	5,0	47,3	19,3	23,8	4,7
2015						
Distrito Federal	100,0	(4)	37,9	20,5	29,9	7,4
Fortaleza	100,0	8,3	42,6	22,4	24,6	(4)
Porto Alegre	100,0	(4)	44,9	24,7	22,5	6,7
Salvador	100,0	(4)	39,2	21,7	31,7	(2)
São Paulo	100,0	4,1	38,8	22,1	29,0	5,9

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui os alfabetizados sem escolaridade; (2) Inclui ensino médio incompleto; (3) Inclui Ensino superior incompleto; (4) A amostra não comporta desagregação para esta categoria

GRÁFICO 8
Variações da proporção dos ocupados na Construção⁽¹⁾, segundo escolaridade
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2015/2011

(Em pontos percentuais – p.p)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui os alfabetizados sem escolaridade; (2) Inclui ensino médio incompleto; (3) Inclui Ensino superior incompleto

É importante observar que esse perfil de escolaridade é diferente nas duas principais divisões do setor. Em todas as regiões, a divisão 41 (Construção e Incorporação de Edifícios) era a que possuía a maior concentração de trabalhadores com ensino fundamental incompleto. Já na divisão 43 (Serviços Especializados para a Construção), em três regiões pesquisadas, a maior parte dos trabalhadores tinha ensino médio completo ou superior incompleto (Fortaleza, São Paulo e Distrito Federal) – Gráfico 9.

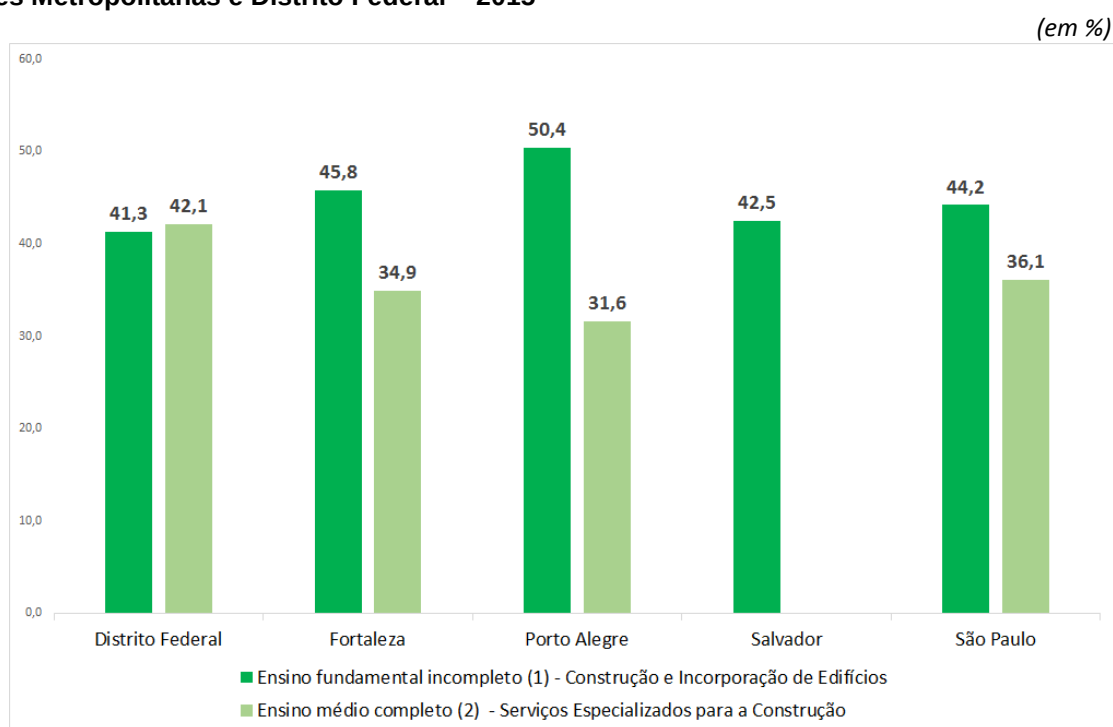
Em Porto Alegre, 50,4% dos ocupados na divisão 41 possuíam ensino fundamental incompleto (incluindo os alfabetizados sem escolaridade), mas, na

divisão 43, a participação dos trabalhadores com essa escolaridade era de 32,9%. Em São Paulo, na divisão 41, quase 44,2% dos ocupados tinham ensino fundamental incompleto, enquanto na divisão 43, o percentual era de 30,3%.

Os dados indicam que a divisão 43 possuía trabalhadores com mais escolaridade que a divisão 41. Em Fortaleza, 21,2% dos ocupados na divisão 41 possuíam ensino médio completo ou superior incompleto. Já na divisão 43, esse percentual era de 34,9%. Em São Paulo, a maior parte dos trabalhadores ocupados na divisão 43 tinha ensino médio completo ou superior incompleto (36,1%), assim como no Distrito Federal (42,1%).

GRÁFICO 9

Proporção dos ocupados na Construção, segundo escolaridade e divisões da Construção
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2015



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui os alfabetizados sem escolarização; (2) Inclui o Ensino Superior Incompleto

Obs.: Para a Região Metropolitana de Salvador, não foi possível desagregar a categoria "Ensino Médio Completo"

Com relação à distribuição por faixa etária, nota-se diminuição da participação de ocupados de menor perfil etário em todas as regiões pesquisadas, provavelmente em decorrência de alternativas melhores de trabalho para esse público. Os dados disponíveis mostram que, na Região Metropolitana de Fortaleza, a participação dos jovens entre 16 e 24 anos de idade entre os ocupados no setor diminuiu de 16,2%, em 2011, para 14,8%, em 2015. Em São Paulo, esse grupo passou

de 15,7% para 12,5% no mesmo período – Tabela 9 e Gráfico 10.

As faixas de 30 a 39 anos de idade e a de 40 a 49 anos, somadas, ainda são as que concentram a maior parcela de ocupados no setor: mais da metade em Fortaleza, Salvador, São Paulo e Distrito Federal, enquanto em Porto Alegre, a participação era ligeiramente menor (46,0%), mas com peso relativamente alto, quando comparada com as demais regiões, na faixa dos 50 a 59 anos (22,1%).

TABELA 9

Distribuição dos ocupados na Construção, segundo faixa etária
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2011 e 2015

(em %)

Regiões	Total de ocupados no setor da Construção	Faixas Etárias						
		14 e 15 anos	16 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos	60 anos e mais
2011								
Distrito Federal	100,0	(1)	15,3	12,8	28,1	22,4	15,3	(1)
Fortaleza	100,0	(1)	16,2	12,7	25,5	25,8	15,0	(1)
Porto Alegre	100,0	(1)	15,0	10,3	21,3	23,3	22,8	7,3
Salvador	100,0	(1)	15,9	14,0	28,0	23,2	13,9	(1)
São Paulo	100,0	(1)	15,7	12,4	26,2	23,1	16,4	5,9
2015								
Distrito Federal	100,0	(1)	12,1	12,9	27,7	23,6	16,1	7,6
Fortaleza	100,0	(1)	14,8	12,6	27,1	25,9	14,3	(1)
Porto Alegre	100,0	(1)	14,7	9,3	23,5	22,5	22,1	7,9
Salvador	100,0	(1)	13,4	12,0	26,9	25,3	17,2	(1)
São Paulo	100,0	(1)	12,5	12,0	25,9	24,7	17,0	7,8

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

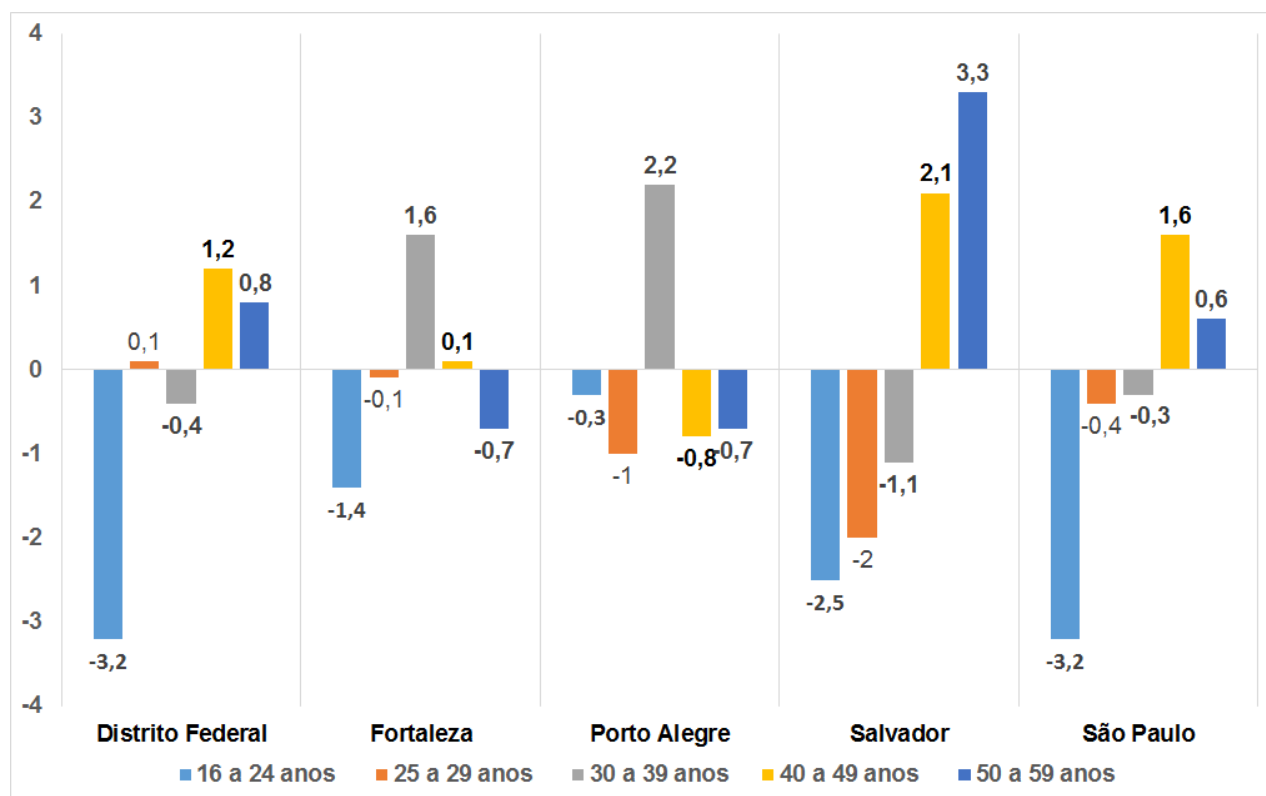
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para esta categoria

GRÁFICO 10

Varição da proporção dos ocupados na Construção, segundo faixa etária
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2015/2011

(Em pontos percentuais)



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Os dados apresentados nessa **8ª edição do Boletim Trabalho e Construção** permitem inferir que será relevante o impacto da desaceleração econômica sobre as condições de emprego e trabalho no segmento produtivo que reúne **a Construção e Incorporação de Edifícios, Obras de Infraestrutura e Serviços Especializados para Construção**. Além da absorção expressiva de trabalhadores – entre 8,3% (Região Metropolitana de Salvador) e 5,5 % (Distrito Federal) do total de ocupados, o perfil do contingente na Construção indica que uma crise mais profunda do setor pode apresentar desdobramentos sociais de maior dimensão.

Composto massivamente por homens em idade adulta e elevada responsabilidade no sustento familiar, o conjunto de ocupados na Construção conjuga a necessidade urgente de trabalhar com inserções à margem da proteção social, baixos rendimentos e, por consequência, reduzida capacidade contributiva à previdência. As melhoras proporcionadas pelo período de expansão econômica foram importantes, todavia, insuficientes para reverter essas características que se consolidam como estruturais.

A este quadro somam-se o progressivo envelhecimento e a crescente escolarização dos trabalhadores da Construção, como questões que tendem a se estabelecer de modo duradouro na pauta de mobilização trabalhista e para a agenda de políticas para o setor.

Nesse sentido, o trabalho na Construção é exemplar da crescente complexidade laboral do país, na qual pendências históricas, mudanças demográficas e exigências técnicas se rearticulam com um cenário econômico e institucional ainda incerto.

Para acompanhar dados obtidos nas apurações domiciliares mensais do Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego/DIEESE, para setor, além do Boletim Trabalho e Construção, é disponibilizado um amplo conjunto de indicadores (www.dieese/analisepep.html)



Instituições Participantes

Metodologia: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade / Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE. **Apoio:** Ministério do Trabalho e Emprego – MTE/ Fundo do Amparo ao Trabalhador – FAT.

Regiões Metropolitanas

São Paulo: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional do Estado de São Paulo; Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade; Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho do Estado de São Paulo – Sert. **Porto Alegre:** Secretaria de Planejamento, Gestão e Participação Cidadã do Estado do Rio Grande do Sul; Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser – FEE; Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social do Estado do Rio Grande do Sul – SJDS; Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social – FGTAS-Sine/RS; Prefeitura Municipal de Porto Alegre – PMPA. **Distrito Federal:** Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE; Secretaria de Estado do Trabalho do Distrito Federal – Setrab. **Belo Horizonte:** Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado de Minas Gerais – Seplag; Fundação João Pinheiro – FJP; Secretaria de Estado de Trabalho e Emprego – Sete MG. **Salvador:** Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI; Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do Estado da Bahia – Setre; Superintendência de Desenvolvimento do Trabalho. **Recife:** Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE; Agência Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco – Condepe/Fidem; Secretaria de Planejamento e Gestão de Pernambuco; Agência do Trabalho – Sine/PE. **Fortaleza:** Instituto de Desenvolvimento do Trabalho – IDT; Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social do Estado do Ceará – STDS; Sistema Nacional de Emprego – Sine/CE